

Dossier - Iraque

Movimentos xiitas no Iraque

George Joffé

Todos os movimentos políticos, à exceção do Partido Baas, foram banidos pelo regime de Saddam Hussein. Assim, só existiram movimentos clandestinos ou no exílio. Até 1977, quando os distúrbios no sul do Iraque foram brutalmente reprimidos, não existiam movimentos políticos especificamente xiitas. O único movimento que teve uma coloração xiita foi o Partido Comunista Iraquiano, cujos membros foram, na sua maioria, expulsos para o Irão no final dos anos 70 e, de qualquer forma, por razões ideológicas, não sublinhavam o papel da religião. Por outro lado, os xiitas destacam o conceito de submissão ao poder temporal em antecipação do milénio, quando o Iman Oculto regressará para levar os muçulmanos xiitas à vitória e à justiça.

Esta consideração é importante porque significa que os líderes teólogos xiitas, os marja'at – os escolhidos pelo conjunto dos xiitas para emular e a quem pagam o dízimo khamis – têm a submissão dos seus apoiantes. Isto foi particularmente verdade no caso do Grande Ayatollah al-Khoe'I, que dominou no Iraque. Foi só nos anos 70, particularmente em Najaf, que emergiram novas interpretações do islamismo xiita. Surgiram, em parte, dos escritos de Ali Shariati, um sociólogo iraniano que procurou compatibilizar o conceito de revolução proletária com o islamismo xiita. Defendia que o mundo estava dividido entre opressores (mustakbarin) e oprimidos (mustadafin) e que o dever do verdadeiro muçulmano era lutar contra os opressores, para fazer justiça aos oprimidos – o que uniu os xiitas iranianos contra o regime repressivo do Xá.

Um movimento paralelo desenvolveu-se em Najaf, em torno de um jovem teólogo, Mohammed Bakr Sadr, que, com a sua irmã, Bint al-Huda, inspirou um novo movimento político especialmente concebido para os xiitas – ad-Daw'a. Adoptaram uma visão muito semelhante à de Ali Shariati e, na sequência dos distúrbios de 1977, passaram à clandestinidade.

Violentemente reprimido por Saddam Hussein e pelo Baas, o movimento ad-Daw'a virou-se contra o próprio regime, atacando dirigentes do Baas, culminando num atentado bombista ao Ministério do Planeamento em Bagdad e numa tentativa de assassínio de

Tariq Aziz, então ministro dos Negócios Estrangeiros, em 1980. O regime concentrou as suas energias no extermínio do movimento, executando Mohammed Bakr Sadr e a sua irmã em 1980 e destruindo as redes no sul do país, levando a liderança a fugir para o Irão. A sua última actividade no Iraque foi a organização da revolta no bairro xiita de Medinet Thawra, em Bagdad, em 1993. No Irão, fraccionou-se em três tendências que divergiam nas posições a adoptar em relação ao regime iraquiano, estando agora virtualmente extinto, se bem que o governo de Bagdad ainda o use como pretexto para a repressão.

No Irão entrou em contacto com outro movimento xiita, formado em torno da família exilada al-Hakim, de Najaf, de onde saíram importantes teólogos xiitas – 90 dos seus membros foram executados nas revoltas de 1977. Este movimento, Assembleia Suprema da Revolução Islâmica no Iraque, foi mais tarde renomeado Conselho Supremo da Assembleia Islâmica no Iraque. Dirigido pelo Ayatollah al-Hakim recebeu apoio e financiamento do governo iraniano, e formou as Brigadas al-Bakr, com 10.000 homens.

Parte desta força militar, maioritariamente treinada pelos Guardas Revolucionários Iranianos, os Pasdaran, está agora no Iraque, na área controlada pela União Patriótica do Curdistão. A maioria dos observadores considera que a sua primeira missão será assegurar uma presença iraniana na nova administração – o Ayatollah al-Hakim é um dos cinco membros do Conselho de Transição proposto pela oposição iraquiana, que deveria assumir o poder após a derrota de Saddam Hussein.